



ATA EXTRAORDINÁRIA Nº 2862/2020

1
2 Aos cinco dias do mês de novembro de dois mil e vinte, às dezoito horas, reuniram-se para
3 reunião extraordinária do Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano Ambiental –
4 CMDUA do Município de Porto Alegre, via ZOOM, denominado PLENÁRIA VIRTUAL DO
5 CMDUA, em razão do decreto municipal a fim de combater o coronavírus e a propagação
6 da pandemia entre as pessoas, sob a coordenação de Germano Bremm, Presidente e
7 Secretário Municipal do Meio Ambiente e da Sustentabilidade - SMAMS, e na presença
8 dos **CONSELHEIROS GOVERNAMENTAIS**: Lisiane Sartori Fioravanço Magni (1ª
9 Suplente), **Departamento Municipal de Habitação – DEMHAB**; Júlia Lopes de Oliveira
10 Freitas (1ª Suplente), **Empresa Pública de Transporte e Circulação – EPTC**; Artur Ribas
11 (Titular), **Gabinete do Prefeito – GP**; Virgínia Darsie de Oliveira (1ª Suplente), **Fundação**
12 **Estadual de Planejamento Metropolitano Regional – METROPLAN**; Patrícia da Silva
13 Tschoepke (Titular) e Vaneska Paiva Henrique (2ª Suplente), **Secretaria Municipal do**
14 **Meio Ambiente e da Sustentabilidade – SMAMS**; Gisele Coelho Vargas (Titular),
15 **Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico – SMDE**; Gabriela da Silva
16 Machado (2ª Suplente), **Secretaria Municipal de Infraestrutura e Mobilidade Urbana –**
17 **SMIM**; e Guilherme Fraga Stumpf (2º Suplente), **Secretaria Municipal de Relações**
18 **Institucionais – SMRI**. **CONSELHEIROS NÃO GOVERNAMENTAIS**: Darci Barnech
19 Campani (Titular), **Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental –**
20 **ABES/RS**; Claudete Aires Simas (Titular), **Acesso Cidadania e Direitos Humanos -**
21 **ACESSO CDH**; Sérgio Saffer (Titular), **Associação Rio-grandense dos Escritórios de**
22 **Arquitetura – ÁREA**; Emílio Merino Dominguez (2º Suplente), **Conselho de Arquitetura**
23 **do Rio Grande do Sul – CAUR/RS**; Rafael Pavan dos Passos (2º Suplente), **Instituto de**
24 **Arquitetos do Brasil – IAB/RS**; Hermes de Assis Puricelli (Titular), **Sindicato dos**
25 **Arquitetos no Estado do Rio Grande do Sul – SAERGS**; Fernando Martins Pereira (1º
26 Suplente), **Sindicato dos Engenheiros do Rio Grande do Sul - SENGE/RS**; Rogério Dal
27 Molin (Titular), **Sindicato das Indústrias da Construção Civil – SINDUSCON**; e Mark
28 Ramos Kuschick (Titular), **Sociedade de Economia do Rio Grande do Sul -**
29 **SOCECON/RS**. **CONSELHEIROS DA SOCIEDADE CIVIL**: Felisberto Seabra Luisi
30 (Titular), **Região de Gestão de Planejamento Um – RGP. 1**; Adroaldo Venturini Barbosa
31 (Titular), **Região de Gestão de Planejamento Dois – RGP. 2**; Jackson Roberto Santa
32 Helena de Castro (Titular), **Região de Gestão de Planejamento Três – RGP. 3**; Tânia
33 Maria dos Santos (Titular), **Região de Gestão de Planejamento Quatro – RGP. 4**; Luiz
34 Antônio Marques Gomes (Titular), **Região de Gestão de Planejamento Seis – RGP. 6**;
35 Jane Eliane Ferreira Brochado (1ª Suplente), **Região de Gestão de Planejamento Sete –**
36 **RGP. 7**; Dinar Melo de Souza (2º Suplente), **Região de Gestão de Planejamento Oito –**
37 **RGP. 8**; e Emerson Gonçalves dos Santos, **Temática de Habitação, Organização da**
38 **Cidade, Desenvolvimento Urbano e Ambiental – OP - HOCDUA**. **SECRETARIA**
39 **EXECUTIVA**: Camila Maders Fonseca Coelho, **Secretaria Executiva da SMAMS**; Patrícia
40 C. Ribeiro, **Taquígrafa/Tachys Graphen**. **PAUTA**: 1. ABERTURA; 2. DISCUSSÃO:
41 **Contribuições Revisão Plano Diretor**; 3. DEBATE; 4. REGISTROS E
42 **ENCAMINHAMENTOS**. Após assinatura da lista de presenças o Senhor Presidente deu
43 início aos trabalhos às 18h06min. 1. **ABERTURA**. Germano Bremm, **Presidente e**
44 **Secretário Municipal do Meio Ambiente e da Sustentabilidade – SMAMS**: Boa noite,
45 Senhores Conselheiros. São 18h06min. Damos abertura a nossa reunião extraordinária do



46 Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano e Ambiental. Desejo uma excelente noite
47 de trabalho a todos os Senhores. O nosso encontro de hoje segue o nosso calendário de
48 discussão dos termos de referência para os estudos base para revisão do Plano Diretor,
49 conforme previamente havíamos pactuado. Fizemos um encontro na terça-feira, onde a
50 nossa diretora de planejamento conduziu os trabalhos de discussão. Então, na sequência
51 do nosso calendário a gente tinha essa previsão de na data de hoje, quinta-feira, a gente
52 continuar esse debate. É uma reunião diferente da nossa pauta tradicional de processos.
53 Então, eu peço para a nossa Diretora Patrícia fazer o uso da palavra, tomar o comando
54 dos microfones para conduzir o processo e a dinâmica da nossa reunião de hoje. Eu não
55 sei se alguém tem alguma observação? Aí a gente já entra na pauta na sequência.
56 **Patrícia da Silva Tschoepke (Titular), Secretaria Municipal do Meio Ambiente e da**
57 **Sustentabilidade – SMAMS:** Eu só peço a paciência de vocês, que na reunião passada
58 tive uma dificuldade em gerenciar microfones e ao mesmo tempo a apresentação. Então,
59 se eu me atrapalhar um pouquinho, peço desculpas já. Então, se ninguém tiver mais nada
60 para falar a gente pode iniciar a apresentação. Então, vamos dar continuidade à
61 apresentação que nós fizemos. Este (slide) é um arquivo que a gente vai alimentando na
62 mesma forma que a gente está fazendo nos grupos de trabalho para depois inserir no SEI
63 que faz ali: 20.0.000092599-4. Então, a gente hoje está na segunda reunião para tratar da
64 questão dos diagnósticos, estudos, indicações e parâmetros. Da última reunião o que eu
65 fiz? Aqui foram as contribuições de vocês que eu fui anotando, eu fiz uma compilação.
66 Então, eu peguei todo o material que anotei e tentei fazer uma compilação relacionando
67 com os temas, para a gente poder estruturar. Então, esses são os 12 temas e na primeira
68 lâmina, o que acontece? Em relação a esses 12 temas que já tinham sido pactuadas na
69 reunião do conselho eu já tinha agregado na última reunião a questão do desenvolvimento
70 sustentável. Eu acho que todos estão de acordo, porque é um tema importante e
71 transversal, que agrega agendas internacionais, que seria interessante a gente pontuar.
72 Uma das coisas na conversa da última reunião que eu notei é que embora tenha esses
73 temas e fale em gestão democrática, o tema específico “sistema, gestão e planejamento”,
74 eu entendi que não estava tão contemplado quando o Saffer falou na questão do Instituto
75 de Planejamento. Então, eu coloquei ali, agreguei esse tópico aqui nessa compilação. E aí
76 em relação as demais contribuições o que eu fiz? Eu tentei relacionar elas com os temas,
77 aquelas contribuições que foram colocadas na reunião anterior. E aí, em paralelo, porque
78 vai ser o próximo avanço da nossa discussão, depois da Vaneska vai fazer uma
79 apresentação, a relação que nós estamos fazendo com as estratégias do Plano Diretor, as
80 estratégias vigentes. Então, pelo o que foi pontuado eu tentei correlacionar com os temas
81 e também com o que consta nas estratégias. Eu acho que é um ponto de partida adequado
82 para gente tomar. Então, foi falado em: paisagem material; paisagem natural; preservação
83 do espaço natural no Plano Diretor - espaço urbano dedicado à preservação da vida
84 natural; grupos excluídos – reservas de áreas específicas, indígenas quilombos; e
85 valorizar ambiente natural como base, uma priorização ambiental na questão do Plano
86 Diretor. E aí eu relatei com textos do uso solo, paisagens e estrutura urbanas;
87 biodiversidade e serviços ecossistêmicos e a questão do patrimônio histórico-cultural,
88 também tendo a ver com a questão dos grupos indígenas e quilombos. Esses temas estão
89 contemplados no Plano Diretor vigente, nas estratégias, em especial na estratégia de
90 qualificação ambiental, que contempla tanto a questão da biodiversidade e serviços
91 ecossistêmicos, quanto à questão de patrimônio histórico cultural. Também coloquei aqui a
92 questão da estratégia de estruturação urbana e uso do solo, porque essas estratégias são



93 transversais. Então, elas perpassam toda a organização da cidade, por isso que também
94 consta a questão do uso do solo urbano. E a questão do desenvolvimento sustentável, que
95 também é um tema transversal e que a gente já discutiu na anterior. Em relação aos
96 próximos, grupos excluídos, eu repeti alguns tópicos, porque têm significado para mais de
97 um tema ou mais de uma estratégica. Então, em relação à questão mapeamento para área
98 de regularização, economia familiar, economia social, atividade agrícola, água, esgoto e
99 energias, elas têm a ver com o desenvolvimento social e desenvolvimento econômico, que
100 eu coloquei de maneira agregada aqui. E a questão, por exemplo, dos indígenas, entra
101 direto na questão do tema “patrimônio cultural”, mas também entra na questão de
102 desenvolvimento social e desenvolvimento econômico. E no caso do Plano Diretor esses
103 temas estão contemplados na estratégia de produção da cidade e na estratégia de
104 promoção econômica. E aí de novo coloco essas estratégias transversais, estratégia de
105 estruturação urbana e uso do solo. O próximo tema, repetindo aqui também, mas mais
106 falando de questão de desenvolvimento econômico e acessibilidade. Então, foco mais no
107 desenvolvimento econômico mesmo, aqueles tópicos que foram colocados. Nesses tópicos
108 também estão contemplados pelas estratégias do Plano Diretor: promoção da cidade,
109 promoção econômica e mobilidade urbana. De novo aqui as estratégias transversais:
110 estruturação urbana e uso do solo. Nesses tópicos se repetem a questão mobilidade e
111 infraestrutura, esse é o foco principal, infraestrutura e mobilidade, onde foi pontuada a
112 questão água, esgoto e energia, estradas e caminhos, realizar atividade de mobilidade e
113 logística urbana. Também estão contemplados na estratégia de estruturação urbanas do
114 solo e mobilidade urbana. Por último, que eu achei importante, que é uma estratégia
115 específica, a questão do sistema de planejamento, onde nos temas com os conselheiros
116 estava gestão democrática e aprendizado social. Aqui foram pontuados os itens:
117 colaboração, instituto de planejamento e conferência da cidade. Aqui, só para vocês
118 entenderem, a gente está tentando organizar as contribuições pelos temas que foram
119 pontuados. E aí o que acontece? Alguns de vocês sentiram a necessidade de ter alguma
120 complementação de informações, a necessidade de ter um contexto, talvez o maior
121 contexto, como estávamos trabalhando na questão dos trabalhos. Então, a partir daí a
122 Vaneska se propôs a fazer uma apresentação, enfim, das reflexões que nós mesmos
123 fizemos em relação à questão da resolução do Plano Diretor. Aí a gente vai apresentar
124 para vocês para a gente discutir. Então, vou passar a palavra para a Vaneska. **Vaneska
125 Paiva Henrique (1ª Suplente), Secretaria Municipal do Meio Ambiente e da
126 Sustentabilidade – SMAMS:** Então, como a Patrícia falou, a gente entendeu também
127 como uma provocação, mas no bom sentido, da gente também compartilhar um pouco das
128 ideias que a gente tem pensado sobre essa questão da estrutura do plano, sobre a
129 questão da revisão do plano. E nós tentamos trazer, o espaço de tempo é curto, a gente
130 também quer reservar a maior parte do tempo para os conselheiros, mas trazer algumas
131 questões que a gente imagina que podem contribuir para orientar o debate. Então, com
132 relação a uma das premissas que a gente tem citado e por isso a gente vai estabelecer um
133 contexto de porque a gente entende dessa forma, é a questão de que o atual Plano Diretor
134 tem uma estrutura adequada, enquanto instrumento para implementação da política
135 urbana de Porto Alegre, para a promoção do desenvolvimento urbano ambiental
136 sustentável. Inclusive, o urbano ambiental é o título do plano atual. A primeira lâmina que a
137 gente traz na sequência e que a gente acha importante dar o devido peso é que Porto
138 Alegre tem uma tradição de planejamento urbano em planejamento urbano e que passa
139 por diversos planos, que dentro da sua lógica tentaram estruturar como poderia ser ou



140 como poderia ser ordenada a ocupação do território de Porto Alegre. E se é verdade que o
141 plano de 99 traz a questão da participação social, a questão da dimensão estratégica do
142 plano, do agente público como promotor do desenvolvimento, também é verdade que os
143 primeiros planos investiram mais em trazer soluções de desenho para o público, que
144 também é algo de valor que a gente imagina que tenha que ser visto e realizado nesse
145 contexto da revisão do plano. Até para trazer uma imagem que ilustra esse pensamento,
146 então, a gente trouxe a imagem da Borges, aonde a gente tem na direita a Borges de
147 Medeiros logo que ela estava sendo implementada, a questão do viaduto, e na esquerda
148 uma ocupação mais atual. Como a cidade se transforma, até citando uma colega que
149 também trabalhou na antiga SPM, ela se transforma independente do plano, ainda bem.
150 Então, a cidade tem essa dinâmica e apesar do plano ela também se desenvolve. Então, o
151 que a gente quer para o plano? É justamente o nosso impacto do que tem que existir de
152 controle sobre esse desenvolvimento ou onde que a gente quer investir o planejamento, o
153 que a gente quer como o futuro para esse cenário de ação de Porto Alegre. Essa frase que
154 na leitura dos documentos, do histórico da revisão do Plano a gente destacou por acreditar
155 que ela é muito atual, que ela representa muito das ideias que têm sido trazidas pelo
156 planejamento e pela diretoria de planejamento através de outros agentes, que a gente
157 estende a todos os colegas que fazem parte dessa diretoria, é que o resultado deste
158 trabalho que ele está se referindo não só a materialização do plano como objeto 99, essa
159 frase está em uma publicação de 2000, mas também se referindo a todo o trabalho que foi
160 desenvolvido ao longo dos anos para chegar a esse plano. Ele aponta para a mudança de
161 conceito de planejamento. Então, aqui já está dito: “normativo - baseado essencialmente
162 em normas para atividade privada – para estratégico, no qual fortalece o papel do agente
163 articulador e propositivo, dando ênfase para a atuação integrada dos diversos atores”.
164 Inclusive, ele tem essa referência ao Conselho e outros instrumentos e formas de
165 participação da sociedade para a construção da cidade e também a administração
166 municipal como alguém que faz a gestão de todo esse processo. Depois até alguns
167 momentos seja bom a gente voltar, Patrícia, para ouvir dos conselheiros qual o
168 entendimento deles sobre essa visão. Como eixo central se estabelece o desenvolvimento
169 urbano sustentável. E aqui para esse desenvolvimento urbano sustentável é que entram
170 os princípios do plano e as estratégias do plano. Com relação aos princípios três princípios
171 são destacados como princípios fundamentais para o desenvolvimento urbano ambiental
172 sustentável. E até compartilhando uma questão de experiência pessoal, logo que comecei
173 a ler o plano, ele tem 7 estratégias, não só 3, mas essas 3 são ditas como a espinha
174 dorsal, existe uma ordem para as estratégias, porque no início não tinha o conhecimento.
175 Lendo o histórico do plano se entende que elas são colocadas nessa ordem por uma
176 ordem também de leitura de importância, de acordo com a equipe técnica na proposição
177 desse instrumento. Então, a estruturação urbana como dois elementos: a rede de espaços
178 abertos, que não diz respeito só às praças, os parques, mas também todos os espaços de
179 acesso público e como eles se conectam através do espaço público; e a articulação
180 metropolitana, que é esse reconhecimento da inserção enquanto capital, enquanto ponto
181 central da região metropolitana. A mobilidade urbana como reconhecimento de como as
182 pessoas se deslocam dentro desse sistema e daí aqui talvez resida um ponto que precisa
183 ser pensado a luz das novas formas de transporte, que tenha cada vez mais ganhado
184 força e deslocamento nas cidades. E o uso do solo privado de como se rege a cidade
185 para se chegar a essa estruturação, vinculada a essa reestruturação urbana e pensando
186 na sua mobilidade. Como a gente sabe, não são só 3 estratégias, são 7, mas essas 3



187 representam essa espinha dorsal e a ela se somam 4 estratégias. Então, a estratégia de
188 qualificação ambiental e daí muito voltada para o ambiente natural, mas também para o
189 interesse cultural, por isso a gente entende que é ampla para incorporar aqueles conceitos
190 que a Patrícia citou, que foram expressos pelos conselheiros na última reunião com
191 relação a parte da paisagem urbana, paisagem ambiental. A promoção econômica e aí
192 aqui a gente até pensa que talvez cabe uma atualização, pensando mais em termos de
193 prosperidade, no sentido que a promoção econômica, como é colocada no plano é para
194 pensar em uma sustentabilidade econômica e social, não simplesmente na parte
195 econômica. A produção da cidade, pensando nos pontos estratégicos, para atuação do
196 município enquanto agente articulador das políticas urbanas e o sistema de planejamento,
197 que traz a gestão pública do plano como um ponto importante de como tudo isso tem que
198 ser organizado e orquestrado para poder atingir aqueles princípios que foram pactuados
199 pela sociedade logo no início do plano, que tem esse espírito expresso na redação. Tudo
200 isso, e nós temos dentro do planejamento discussões bem frequentes com relação à
201 questão de como tudo isso acontece no território, tem uma localização no território e essa
202 questão de como essas relações acontecem no território é preciosa para o urbanista,
203 porque ela dá conta de – bom, a gente está pensando ali dentro do modelo espacial do
204 plano. A gente tem, por exemplo, um eixo de ocupação ao longo ali da Nilo e da Anita.
205 Como a mobilidade acontece, interfere nesse eixo, como o uso do solo privado tem que
206 ser regulamentado para que esse eixo se fortaleça enquanto eixo, a qualificação ambiental
207 da paisagem urbana como tem que ser pensada. Tudo isso é compatibilizado no sentido
208 de prever as zonas que têm características diferentes no território, temáticas e que sofrem
209 a influencia dessas estratégias na construção de como deve ser a construção do
210 ambiente, para que possa responder a esses princípios. Então, de uma maneira sintética a
211 gente se refere muito ao plano com relação às suas partes dentro do planejamento. Ele
212 tem três componentes que a gente entende como base à componente estratégica. Essas
213 componentes estão bem expressas de acordo com a forma como o Plano Diretor foi
214 organizado. Então, tem uma componente estratégica do desenvolvimento urbano
215 ambiental, uma reguladora que trata das regras, altura taxa de ocupação, índices de
216 aproveitamento, que tem que ser previstos para responder a essas estratégias. E a gestão
217 que determina como vai se orquestrar essas ações para poder corresponder ao que está
218 previsto. Isso tudo para atingir uma visão estratégica pensada para Porto Alegre. No caso,
219 eu até não trouxe aqui a frase, mas é uma frase que atua como um ponto central do plano,
220 que vai trazer mais qualidade de vida para os habitantes de uma forma geral. A gente
221 pode entender que a componente estratégica estabelece uma base conceitual para se
222 pensar o plano, quais são os conceitos para a gente atingir aqueles princípios. Uma
223 componente reguladora, como eu mencionei, altura máxima, aproveitamento, afastamento.
224 E a gestão, que se expressa através de três pontos, também sei que é de conhecimentos
225 dos Conselheiro, mas só para a gente organizar como está sendo a nossa estratégia de
226 abordagem do problema. Então, os canais de participação popular, o sistema de
227 informações, que tem muito a ver com o sistema de desempenho do ambiente urbano,
228 monitoramento e os próprios planos de ação regional, que seriam peças fundamentais
229 para trazer esse desenvolvimento em escalas mais detalhadas. Tudo isso é para entender
230 o que a gente quer dizer quando diz que a estrutura é entendida como uma estrutura
231 adequada e que a gente pode pensar em termos de revisão. Pelo menos nesse momento a
232 gente não exclui a possibilidade de que – bom, estudos possam indicar alguma mudança
233 mais estrutural, mas nesse momento, lendo toda essa estrutura a gente tem esse



234 entendimento. Então, esse plano é pensado como algo que deve ser revisado e que deve
235 ser atualizado, que através do monitoramento deve ter seu detalhamento efetuado ao
236 longo da implementação dele no tempo. Então, aqui as componentes estratégicas
237 reguladoras é o que a gente está colocando como as questões diretamente relacionadas
238 ao território, enquanto descrever as escalas das estratégias. Então, nisso o que a gente
239 quer dizer? Quando a gente está pensando nesse espaço do corredor de desenvolvimento
240 entre a Anita e a Nilo, a gente está pensando em uma área que não é homogênea e esse
241 detalhamento hoje não consta. Apesar de entendermos lendo o espírito da lei, que era
242 algo natural, que naturalmente deveria ter acontecido com a evolução do processo de
243 implementação do plano. As escalas intermediárias, que é como a gente fala, é o termo
244 que tem sido usado para detalhamento. E a compatibilização das regras estratégias, que
245 como planejamento a gente fala muito sobre essa componente estratégica do plano e
246 muitas vezes a gente vê que as regras de altura, de afastamento, elas não
247 necessariamente estão colaborando para executar as estratégias. Daí entra o
248 monitoramento, que deve nos dar a resposta de como atuar para poder direcionar para
249 atingir a estratégia, o objetivo é a estratégia, não a regra por si. E a gestão, três pontos
250 importantes que a gente destaca aqui a questão do detalhamento dos fluxos e
251 procedimentos. Até na reunião que a gente teve anteriormente a Patrícia falou muito na
252 questão da administração municipal, o Servidor Público trabalha muito para a realização
253 desses procedimentos e como eles têm que ser regrados, o papel, a relação dos agentes.
254 Eu entendo que podem também, acho importante depois se questionar tudo isso que a
255 gente está lançando em resposta à provocação do que a gente já entende nesse momento
256 com relação à revisão do plano. A gente entende que muitas vezes os papéis não estão
257 muito claros e muitos dos debates gerados expressam também um pouco dessas
258 incertezas. A gente sabe que mesmo com a nossa atuação reside aí uma dúvida de como
259 isso pode ser melhor explicado. E o monitoramento, como aquela ferramenta central para a
260 gente realmente corrigir os rumos das regras em função das estratégias que se quer como
261 objetivo. A partir dessa leitura a gente trouxe algumas diretrizes preliminares pensadas
262 para a revisão do plano, que eu acho bem importante também a gente discutir enquanto
263 conselho. A primeira delas é essa hipótese que deve-se preservar a estrutura espacial e
264 lógica do plano. A gente põe “no que couber”, porque é a nossa reserva estratégica para
265 aquelas questões onde isso não se aplique, mas a gente tem hoje uma estrutura espacial,
266 que a gente quer dizer que em um quarteirão “x” tem descrita de tal forma. Então, a gente
267 vai continuar usando a unidade do quarteirão e vai rever de alguma forma as regras, mas
268 não mudar. O conceito de sustentabilidade como princípio norteador, aqui até vou dizer
269 que é no sentido de preservar a estrutura lógica do plano atual, mas que a gente acha
270 importante que seja dito, porque é um conceito que se trabalhou muito para se integrar
271 nessa proposta de plano. A inclusão, daí aqui a gente nota, eu acredito, estava falando
272 com as gurias, porque a gente está sempre lendo o plano e pensando como funciona a
273 estrutura e como a gente pode pensar essa revisão, que de certa forma as estratégias que
274 existem talvez estejam suficientes sendo renomeadas ou sendo melhor detalhados para
275 incluir o conceito. O desenvolvimento social é algo que muitas vezes a gente sente falta,
276 as questões de gênero, as questões de diferenciações de faixa etária. Então, essa leitura
277 dos diferentes perfis das pessoas que utilizam os espaços urbanos e como isso pode ser
278 pensado, enquanto identidade no local. Então, isso a gente está colocando aqui como uma
279 possibilidade. A gestão colaborativa e democrática do território, como um processo
280 permanente e contínuo. Então, que seja garantido que tenha essa continuidade, a gente



281 também entende que é algo que o espírito do plano existe, mas que é importante também
282 ser expressado. O espaço público como elemento de fundamental para execução das
283 estratégias. E aqui eu vou dizer novamente que eu entendo que é uma previsão do nosso
284 plano atual, porque se ele coloca na sua espinha dorsal o sistema de espaços abertos
285 como algo de muito valor, principal para a organização do território, então, está dizendo,
286 que o espaço público é o elemento fundamental. E a gente trouxe a imagem de uma praça,
287 não orla ou da Redenção, que são espaços consagrados e de maior escala, mas porque
288 todos os espaços têm um papel nesse sistema. Também vou falar um pouco mais, acho
289 que aqui traz, entendo, até certo ponto, uma novidade, mas não uma novidade completa.
290 O desempenho e a performance como elemento fundamental para regulamentar as
291 relações de vizinhança das edificações, que é a relação de uma edificação próxima do
292 lado da outra edificação. Hoje a gente tem, por exemplo, questões de alturas máximas e
293 espaçamentos que tem que ser realizados de acordo com a altura do edifício. Então, a
294 gente está dizendo que se entende que esses números foram pensados, 20% de altura,
295 em função de querer se garantir o sol, iluminação, privacidade. Então, hoje nós temos
296 ferramentas que podem me disse o desempenho de uma forma mais precisa. Então, talvez
297 o sentido seja muito mais em entender esse desempenho – pô, eu quero garantir que não
298 impacte em reduzir o número de horas de sol. E o nosso foco, aí eu vou explicar porquê do
299 nosso foco, tudo está aberto para debate, mas por que a gente coloca essa questão do
300 foco no sistema municipal de gestão do planejamento? A gente entende que deve existir
301 na prefeitura e na equipe técnica essa possibilidade, através do monitoramento, de poder
302 reagir a situações e prever condições que devem ser revistas dentro do plano, que devem
303 ser adaptadas e como que deve ser orquestrado para o desenvolvimento da cidade. Então,
304 para nós é muito precioso, porque a gente imagina que existe, tudo que pode ser previsto
305 existe também aquilo que não pode ser previsto, como a gente responde à questões
306 específicas. A gente estava falando da regularização fundiária, então, talvez mais
307 importante seja como a gente responde para a regularização do que ter todas as normas
308 para regularização. É muito mais a forma de se fazer o planejamento do que ter esses
309 números e esses parâmetros fechados para o desenvolvimento do território. Com relação
310 a isso dada a provocação de terça-feira, eu falo no bom sentido, porque nós gostamos
311 muito, as críticas nos ajudam também a evoluir, pensar e talvez algumas coisas não ficam
312 claras hoje e é importante que vocês também se manifestem para gente ir deixando mais
313 amplo possível para que todos possam contribuir. As agendas internacionais a gente
314 entende que são um marcos, que tem que ser considerado. Aqui o desenvolvimento
315 sustentável, a nova agenda urbana, os objetivos do desenvolvimento sustentável, Agenda
316 2030 e tantas outras. O nosso plano já é baseado em uma agenda vinculada a
317 desenvolvimento sustentável, mas há que se estabelecer uma agenda local. Entendemos
318 que nisso devemos focar. O que a gente tem hoje de agenda local? A gente entende de
319 certa forma que pode contribuir para a gente ter uma base para discutir, a gente fala muito
320 em urbanismo, quando a gente tem projeto, mesmo que seja um projeto que não vai
321 responder o problema, ele queria uma base para discussão, por isso que é importante ter
322 alguma hipótese. Então, os temas prioritários são esses que a Patrícia falou que foram
323 tratados e consolidados em 2016. As estratégias do plano também já estão no plano e que
324 foram pensadas no nível local e a gente imagina que os temas do guia que a gente tem
325 citado, que consta no rol de elementos do Ministério das Cidades como instrumentos, ele
326 tem essa capacidade e orientação, a gente acredita que ele pode contribuir para essa
327 discussão. Dentro dessa agenda local que a gente posiciona esse diagrama que foi trazido



328 na terça-feira para se debater os temas, as problemáticas e as estratégias. É como forma
329 de consolidar que instrumentos e que ferramentas complementares têm que ser pensadas
330 para enfrentar os problemas na cidade. Então, delas talvez a gente já possa lançar, mas
331 hoje a gente acredita que é bem importante a gente fortalecer essa nossa base que diz
332 respeito aos temas e aos problemas que a gente precisa enfrentar para o desenvolvimento
333 urbano ambiental sustentável de Porto Alegre, mesmo que ele possa vir a ter outro nome,
334 estava discutindo a questão do sustentável, mas o espírito a gente entende que responde
335 ao que se espera e ao que a gente pactuou enquanto sociedade para o território Porto
336 Alegre. Aqui é a questão das contribuições. Para ilustrar um pouco do que pode ser essa
337 dinâmica, a gente trouxe um exemplo que consta no guia, que a gente pode também
338 colocar em outros formatos para essas contribuições e também disponibilizar o guia, ele é
339 extenso, mas a gente pode disponibilizar e destacar. Ele é bem didático, isso é bem
340 valioso para a discussão dos temas. Então, aqui com o exemplo do tema da habitação,
341 uma problemática que aqui é a retirada do guia. Então, pode ser verdadeira parcialmente
342 para Porto Alegre. O município possui assentamentos precários e sem infraestrutura
343 básica. Aí ele fala favela, loteamentos de conjuntos habitacionais, mais que uma verdade
344 para o país e provavelmente também é um exemplo. Pode ter uma questão que qualifica a
345 problemática. Então, tem domicílios precários, sem futura, predominância da população de
346 baixa renda. Como é que se pensa a estratégia? A estratégia pode avaliar esses
347 assentamentos e qualificar eles, dando prioridade às questões de situação de risco à vida.
348 E a partir disso se pensa os instrumentos, a questão das zonas de interesse social, pode
349 se pensar em uma ferramenta complementar, que é o cadastro multifinalitário, como forma
350 de se ter um cadastro da circulação. Então, seria o quadro de como localizar as nossas
351 contribuições nesse momento. E daí aqui só um exemplo com relação à habitação, de 5
352 problemáticas que poderiam ser levantadas. Então, de repente o município tem situações
353 precárias, uma população de baixa renda cuja permanência em bairros ou territórios está
354 sob ameaça de remoção ou substituição, isso também é bem verdadeiro. O município
355 apresenta déficit habitacional, sobretudo para a população de baixa renda. O município
356 tem população de baixa renda que também mora em área de risco e apresenta também
357 concentração de habitação precária, aqui pode ser em áreas centrais, pode não ser. Em
358 Porto Alegre a gente encontra algumas situações, em outros a gente encontra espaços
359 centrais que poderiam ser usados. Aqui alguns mapeamentos, que nesse sentido a gente
360 já tem feito alguma relação com base nessas referências, do que tem que ser construído
361 para a gente poder encaminhar a revisão do plano. Aqui se fala da evolução da população
362 do território, que é algo bem inicial quando está se fazendo o planejamento. O
363 mapeamento de uso e ocupação do solo, das condições de moradia, da infraestrutura
364 existente, das condições ambientais, que poderia se somar tantos outros, apenas para dar
365 alguns exemplos. Eu acredito que seja isso, Patrícia. E a partir daqui a ideia, entendo eu,
366 vamos montar essa lógica para a gente pensar a partir das estratégias do plano, a gente
367 tentar fazer um exercício do que deveria ser contemplado. A gente fala muito em conteúdo
368 mínimo e entendo que é da forma como a gente vai abordar o problema inicialmente. Eu
369 eu já agradeço por ter me escutado bastante tempo, era para ter sido menos tempo, mas
370 acabo me entusiasmando com o tema. Obrigada. **Patrícia da Silva Tschöpke (Titular),
371 Secretária Municipal do Meio Ambiente e da Sustentabilidade – SMAMS:** Foi
372 excelente, Vaneska. Eu fiquei emocionada com a tua apresentação, a gente trabalhou
373 juntas, mas do jeito que foi apresentado reflete bem o trabalho da equipe. Ficou muito
374 bom, excelente, meus parabéns. O que a gente pensou em relação a isso? A gente tem os



375 temas, que são os temas que foram pensados, enfim, mas a gente tem as estratégias. E aí
376 nesse amadurecimento que nós fizemos ao longo desse período a gente pensou o
377 seguinte: a gente não parte para a hipótese de um novo Plano Diretor, mas a gente parte
378 para a hipótese de uma revisão do Plano Diretor. Em partindo para uma hipótese de uma
379 revisão do Plano Diretor, o mais adequado, mais sensato seria trabalhar nas estratégias,
380 que são aquelas que existem lá. No sentido de verificar se elas estão atendidas, se
381 necessita alguma complementação, que foi que eu coloquei naquele primeiro slide, que a
382 gente já tinha identificado pelo desenvolvimento sustentável. A Vaneska comentou em
383 relação ao desenvolvimento social e em relação a elas a gente tentar nessas lâminas
384 começar a pensar quais são os problemas em relação a essas estratégias que são
385 pensadas na cidade, quais são os problemas que a cidade tem e quais os possíveis
386 caminhos para que esses problemas sejam sanados. Isso é uma reunião para contribuição
387 para o termo de referência, a gente precisa de dados, como ela comentou ali – eu preciso
388 de um mapeamento assim, enfim. Esse exercício que a gente tem que fazer, por isso que
389 eu coloquei para vocês que esse exercício não se esgota nessas reuniões. A reunião é
390 mais para a gente amadurecer e para discutir em conjunto aqui, evoluir, mas cada um vai
391 ter que fazer o seu tema de casa e estudar mesmo isso. Então, vamos deixar essa
392 apresentação, o guia a gente vai compartilhar também, mas a ideia é a gente entrar nesse
393 assunto e pensar na cidade como o Professor Rômulo falou, qual o problema da cidade e
394 o que a gente pode fazer para melhorar e a partir daí o que precisa ser estudado? Essa é
395 a ideia. Então, agora eu vou passar a palavra para o Felisberto. **Felisberto Seabra Luisi**
396 **(Titular), Região de Gestão de Planejamento Um – RGP. 1:** Boa tarde a todos e a todas,
397 primeiro parabenizar pela apresentação ela demonstra a valorização do que foi construído
398 pelas gestões anteriores e que vem se aprimorando com o tempo. E nós temos várias
399 ferramentas hoje que lá em 95 e 97 nós não tínhamos. Então, o plano foi baseado na
400 Agenda 21, que era o norteador, nós não temos também nem o estatuto das cidades, nem
401 instrumentos, mas se tinha uma visão de futuro e como se deveria analisar a cidade. Claro,
402 a cidade é outra hoje e eu continuo dizendo que o maior problema da cidade hoje é a
403 questão da cidade informal, que não é trabalhada. Isso eu coloquei hoje quando a gente
404 estava no grupo de trabalho, discutindo a questão da regularização fundiária. Eu vejo que
405 existe uma cidade informal, nós queremos levar a cidade informal para dentro dessa
406 informalidade ao invés de fazer o processo ao contrário. Existe uma realidade e essa
407 realidade tem que ser trabalhada. As estratégias foram elaboradas com uma visão e
408 levando em conta os instrumentos que havia na época e se demonstraram acertados. A
409 estruturação urbana, o uso do solo, a promoção econômica na cidade, o sistema de
410 gestão. Então, tinha uma visão de complementaridade, foi um plano ousado para a época.
411 E aí parabenizar toda a equipe que aquela época estava à frente da secretaria técnica e
412 que vocês valorizaram isso na apresentação de vocês. Então, eu quero parabenizá-los. E
413 eu vejo assim, a criação do instituto, por exemplo, aí que eu quero entrar. Esse instituto vai
414 ser de controle público ou privado? Quando a gente pensou o plano lá, que o sistema de
415 planejamento deveria ser gerido pelo CMDCA com os conselhos setoriais. Então, essa era
416 a ideia da gestão democrática participativa, de um plano que houvesse a participação e o
417 controle social. Talvez eu não seja a pessoa mais adequada, porque eu sou advogado e
418 não sou um técnico na área de arquitetura e nem urbanismo. Participei da elaboração,
419 hoje tem as tecnologias e esses dias eu estava vendo como que a China faz o
420 planejamento urbano. Eu recomendo que vejam, porque eles fizeram uma maquete da
421 cidade e trabalharam em cima dessa maquete usando a tecnologia. E eu vejo assim, ali na



422 questão do sistema de gestão, onde entram os fóruns regionais de planejamento? Essa
423 questão, eu vi que vocês fizeram o plano de ação regional, é fundamental ter um plano,
424 mas o plano também de visão da cidade. Tem que ter um plano estratégico para a zona
425 rural, para a zona de expansão urbana, tem que se ter um olhar sobre isso, de
426 preservação, a questão dos morros, as ocupações consolidadas. E retornarem aquelas
427 oficinas, Patrícia. Eu acho importante para ter um olhar geral da cidade, para que os
428 conselheiros possam trabalhar nisso. Nós temos bastantes elementos, temos pessoas que
429 conhecem a Cidade, a sua comunidade, temos o CAU, o IAB, temos vários conselheiros de
430 região, a Acesos, o Sindicato de Economia, dos arquitetos, engenheiros, o SINDUSCON.
431 Eu acho que esse caldo poderá dar um plano com uma visão coletiva e com a leitura do
432 que foi colocado nas oficinas pode haver uma complementação. Por enquanto é isso.
433 Obrigada. **Patrícia da Silva Tschoepke (Titular), Secretária Municipal do Meio**
434 **Ambiente e da Sustentabilidade – SMAMS:** Obrigada, Felisberto. O próximo a falar? Não
435 tem mais inscritos? Nossa, que milagre, pessoal. **Vaneska Paiva Henrique (1ª Suplente),**
436 **Secretária Municipal do Meio Ambiente e da Sustentabilidade – SMAMS:** Eu sempre
437 fico preocupada quando não tem perguntas, senão vou achar que não deu para entender
438 nada. **Patrícia da Silva Tschoepke (Titular), Secretária Municipal do Meio Ambiente e**
439 **da Sustentabilidade – SMAMS:** Eu vou dizer que eu acho que todos ficaram bem
440 impressionados, eu fiquei, achei muito boa a tua apresentação. Lembrando que gente, por
441 favor, precisa receber as contribuições. Se tem dúvidas para preencherem podem me
442 chamar que a gente tem outros horários, a gente agenda. Se os Conselheiros tiverem
443 interesse a gente pode fazer uma reunião virtual, não nos negando a fazer depois
444 presencialmente, mas a gente pode fazer uma explanação virtual sem problemas nas
445 regiões, se os conselheiros entenderem, até para a gente poder de repente receber
446 alguma dinâmica da comunidade, porque é sempre bom. Então, sempre tem alguma coisa
447 que passou despercebida. Insisto, por favor, entreguem as contribuições, se tiverem
448 dúvidas falem conosco. Vamos para a Júlia? **Júlia Lopes de Oliveira Freitas (1ª**
449 **Suplente), Empresa Pública de Transporte e Circulação – EPTC:** Eu não sei se é uma
450 dúvida, uma contribuição, um lembrete, a questão da mobilidade, que agora tem muito se
451 comentado como mudou nos últimos tempos. E se cabe nessas estratégias, nesse nível de
452 detalhamento do plano que vocês comentam da escala humana, essa visão da mobilidade
453 para as pessoas. Não mobilidade para os veículos como era o conceito anteriormente.
454 Então, de que forma a gente pode abordar isso no plano, na questão da gestão das
455 calçadas. Hoje, por exemplo, a EPTC faz a gestão da mobilidade, mas não tem a gestão
456 das calçadas. Então, as pessoas se locomovem nas calçadas para chegar na faixa de
457 segurança, elas utilizam as calçadas. Eu estou dando um exemplo de como focar essa
458 visão nas pessoas e não no sistema viário. Seria a minha a minha contribuição ou
459 pergunta, enfim, se isto cabe. **Patrícia da Silva Tschoepke (Titular), Secretária**
460 **Municipal do Meio Ambiente e da Sustentabilidade – SMAMS:** Cabe totalmente, Júlia.
461 Eu acho que tem várias questões relativas à mobilidade para pessoas, que a gente vai ter
462 que atuar de maneira transversal. Porque no momento em que a gente fala em mobilidade
463 para pessoas a gente também está falando na questão de miscigenação de atividades. É
464 um tema polêmico, mas também tem a ver com a questão da densificação. A própria
465 gestão e já respondendo à pergunta da Claudete ali (chat), a própria gestão do espaço
466 público. A gente verificou que o Plano Diretor peca no seu de detalhamento, que a gente
467 não conseguiu enxergar as estratégias definitivamente detalhadas porque faltou um pouco
468 esse encaminhamento, essa continuidade. Então, o espaço público carece de uma falta de



469 critérios e regramentos. E ele foi pensado de uma maneira genérica, ele não foi detalhado
470 conforme suas prioridades. Então, sei lá, a questão de largura de calçadas é uma coisa
471 que a gente vai ter que dar um superfoco, envolve não só questão de mobilidade, mas o
472 próprio desenho da cidade, a questão da sustentabilidade. Aqui na minha diretoria tem a
473 questão da arborização. Então, a gente vê essa questão das dimensões das calçadas para
474 ter um mobiliário urbano adequado. Então, essa questão de mobilidade para as pessoas,
475 acessibilidade para as pessoas e a gestão do espaço público, a qualidade do espaço
476 público tem a ver. A gente vai ter que possibilitar que o espaço esteja acessível com
477 atividades, diversas atividades, não somente a questão da mobilidade. Muito importante
478 essa pergunta estar aqui, porque isso vai nos dar os insumos para responder essas
479 perguntas. **Hermes de Assis Puricelli (Titular), Sindicato dos Arquitetos no Estado do**
480 **Rio Grande do Sul – SAERGS:** Boa noite a todos. Obrigado pela apresentação. um
481 questionamento que eu tenho trazido comigo, pensado, quando a Patrícia no início que se
482 tratava de uma revisão, que estrutura de certa forma, aqueles eixos estavam assim, mas
483 teríamos que discutir, mas sempre na linha da revisão. Uma questão eu tenho pensado
484 muito são nas colocações do Rômulo, que ele tem claramente dito, não sei se ele está na
485 reunião, mas tem claramente dito que esse plano tem uma estrutura arcaica, ultrapassada.
486 Como ele é representante da universidade, tem conhecimento por traz, eu não sei se
487 vocês chegaram a levantar essa questão ou se passou batido. Se ele falou e ficou por isso
488 ou se vocês chegaram a questionar isso, se tem fundamento, se não tem, se é uma
489 questão pessoal, uma opinião da universidade ou até fazer um debate sobre isso. Se a
490 gente parte de um princípio, eu não concordo com isso, que seja ultrapassado, mas se
491 parte de um princípio que seria verdade que estaria ultrapassado, nós vamos fazer todo
492 um trabalho de revisão em cima de uma estrutura já arcaica, ultrapassada, sei lá os termos
493 que dá para usar. E um comentário também, a discussão é fundamental, são mecanismos
494 de gestão para tratar o espaço público, em relação à calçada. Eu sempre insito que a
495 questão maior que eu vejo é de gestão. O plano é bom, o problema é a gestão do plano, o
496 problema é a nossa capacidade de fazer com que as coisas aconteçam. Hoje a lei permite,
497 a nossa legislação permite, não no Plano Diretor, mas em legislações complementares, o
498 município tem contribuições de melhorias, tem outros mecanismos, poderia em princípio
499 arrumar todas as calçadas de Porto Alegre e cobrar dos proprietárias. A gente sabe que
500 não é assim funciona, boa parte não paga nem o IPTU ou paga reclamando, imagina
501 pagar, seria arcar com uma reforma, construção das calçadas, o que agregaria um valor
502 significativo. Então, eu acho que também essas adequações a nossa realidade. Não
503 adianta fazer uma lei bonita, talvez até adiante, mas se ela não tem efetividade em relação
504 a sua aplicação. Era isso aí, obrigado. **Patrícia da Silva Tschoepke (Titular), Secretaria**
505 **Municipal do Meio Ambiente e da Sustentabilidade – SMAMS:** Respondendo à
506 pergunta, acho que é bem colocado. Na verdade, essa pergunta nós mesmos fizemos.
507 Então, foi essa abordagem que a gente quis dar, no sentido de fazer a pergunta para
508 vocês mesmos, vocês querem um novo plano ou vocês querem a revisão? Nós fizemos um
509 estudo no sentido de que o que está aí está contemplando as questões da cidade. E a
510 avaliação que nós fizemos é de que ele não conseguiu se mostrar efetivamente. Aquilo
511 que estava previsto no seu conceito não conseguiu se mostrar efetivamente. Então, a ideia
512 e o que a Vaneska colocou muito bem, é que a gente não pode chegar e dizer – não, não
513 quero nada e vou simplesmente fazer de novo. A gente perde uma história, um acumulado
514 que foi construído ao longo do tempo e simplesmente jogando fora e começando de novo.
515 Então, a ideia era partir para essa hipótese de que nós estamos bem, esta estrutura está



516 adequada. E os estudos, o resultado do trabalho ao longo do tempo, aí tem a questão da
517 participação social, ela no meio do caminho pode nos dar indicativos de outro cenário, mas
518 hoje o cenário que nós temos, e eu acho que é quase um consenso, de que o nosso plano
519 quer ser alguma coisa, ele tem uma expectativa. É essa expectativa que a gente identificou
520 o que seria o problema, que seria realmente esse detalhamento, essa questão de trabalhar
521 no desenvolvimento dessas estratégias para atender esses objetivos, para ver o que ele
522 vai ser de fato, antes de chegar e dizer assim – ah, ele não vale nada. Essa é a nossa
523 visão. Vamos dizer, ficamos um pouco mais conservadoras pela nossa experiência e
524 justamente nessa visão que tu colocaste de – ah, vamos inventar uma coisa bonita.
525 Exatamente, a gente quer trabalhar em uma coisa que vai funcionar. Então, bem, bem ou
526 mal nós temos um plano que está funcionando, a cidade está acontecendo. Então, a gente
527 tem que ir bem como essa questão do monitoramento, vamos primeiro ver os dados.
528 **Vaneska Paiva Henrique (1ª Suplente), Secretária Municipal do Meio Ambiente e da**
529 **Sustentabilidade – SMAMS:** Eu entendo que uma ruptura de uma forma mais incisiva
530 sobre o que existe no plano hoje dependeria necessariamente de um novo pacto social, é
531 a visão um pouco que a gente. Quando a Patrícia fala – o que vocês pensam? Ela fala na
532 provocação enquanto sociedade. Então, é uma discussão que a gente entende que
533 ruptura, pela nossa avaliação técnica, nós não encontramos evidências e elementos, até
534 porque nos pareceu existir muito mais evidências de que muito do que existia, da
535 inteligência de um plano original não foi implementado, como bem foi falado pelo
536 conselheiro. A gente entende que tem questões de gestão que não estão atuando da
537 forma como estava previsto. **Hermes de Assis Puricelli (Titular), Sindicato dos**
538 **Arquitetos no Estado do Rio Grande do Sul – SAERGS:** Eu concordo, eu até participei
539 durante toda a minha vida, a minha vida foi dentro do planejamento, a minha vida
540 funcional, mas eu quis trazer esse questionamento, é importante, porque é um
541 questionamento da Universidade. O Rômulo não está, é uma pena. É um questionamento
542 da universidade, que a gente vai dar como batido e não sei se não caberia dar um espaço
543 para encerrar esse assunto, não vale mais dizer que este plano é ultrapassado. É lógico
544 que nós não vamos censurar ninguém, mas quero dizer que isso vai permanecer nos
545 debates sem haver uma discussão mais profunda, porque ficou só nisso, nas palavras do
546 conselheiro. **Renata, Secretária Municipal do Meio Ambiente e da Sustentabilidade –**
547 **SMAMS:** Sobre o que o Rômulo falou, que é defasado, eu vejo que a questão de como a
548 gente coloca as regras, no sentido do plano regulador, porque eu entendo que ele trouxe
549 que há novas formas de planejamento, é mais na questão da performance que a Vaneska
550 também trouxe no discurso, de que a gente hoje tem uma altura fixa para vários lugares,
551 mas a gente não avalia diretamente qual é o impacto disso no entorno imediato, no
552 sombreamentos, na ventilação, em todas as questões de performance. Eu acho que é
553 nesse sentido que ele estava falando, não no sentido das estratégias do plano, que é o
554 sentido que a gente está falando que faz muito sentido o plano ainda, no sentido de ter
555 essa visão estratégica, de estar alinhado com as agendas internacionais e locais. Eu acho
556 que é mais nesse sentido que ele falou, mas supermerece uma discussão junto com ele
557 quando for possível. **Patrícia da Silva Tschoepke (Titular), Secretária Municipal do**
558 **Meio Ambiente e da Sustentabilidade – SMAMS:** Eu entendi que foi exatamente nessa
559 questão da inteligência da gestão dos espaços. O Mark. **Mark Ramos Kuschick (Titular),**
560 **Sociedade de Economia do Rio Grande do Sul - SOCECON/RS:** A nossa conversa está
561 importante nesta noite, elas têm sido muito produtivas, são muito importantes essas
562 nossas reuniões. Eu me inscrevi porque ouvi a Vaneska falar por 27 minutos e eu acho



563 que a Vaneska ao se esperar e ao trazer todas as ponderações que trouxe, para mim foi
564 uma resposta ao Rômulo, mostrando que tem gente em casa e procurando demonstrar
565 para a coletividade que está compartilhando este debate, que existe nesta revisão uma
566 base técnica e uma base teórica na Cidade de Porto Alegre. Apropriada pelos grupos
567 profissionais que estão hoje dentro da estrutura pública Municipal. Eu achei uma resposta
568 importante, a Vaneska nesse sentido foi porta-voz e por isso que acabou emocionando a
569 Patrícia. Eu achei importante isso aí. Agora, mostrando, então, que não se pode
570 simplesmente dizer que o plano é um plano desatualizado. A Vaneska fez uma colheita ali
571 de informações e de dados que mostra que tem uma contribuição. O Felisberto falou disso,
572 a Vaneska recuperou a história das formulações para os fins desta reunião agora que nós
573 estamos conversando sobre isso. O que eu fico preocupado com a questão dos planos, eu
574 acho que as nossas entidades têm feito um esforço sistemático dentro do CMDUA, as
575 nossas entidades têm feito esse esforço de procurar mostrar em cada reunião que nós
576 participamos, que a maioria da população não pode ser ignorada, não pode ser esquecida,
577 que ela precisa ser incluída nas propostas de planejamento urbano, que elas precisam ter
578 presença. As questões de calçadas que aparecem são de todas as regiões, porque as
579 calçadas são essenciais e elas não são tratadas com a essencialidade que elas têm, elas
580 precisam ser cuidadas e elas não são. Então, eu vejo como o principal e as nossas
581 entidades quando manifestam a sua preocupação e fazem defesas dos seus pontos de
582 vista, elas estão buscando a inclusão desses setores dos bairros, das regiões de
583 planejamento, que não podem ficar esquecidas. E o plano ser um plano muito bonito, com
584 uma série de articulações nacionais, regionais e internacionais, mas esse plano precisa
585 não estar de costas para a maioria da população. O que a gente vê é que os planos
586 anteriores que foram importantes e definiram a legislação e uma série de procedimentos,
587 que devem ocorrer na cidade, muitas vezes não são atendidos, mas eles são orientação,
588 eles são uma premissa. E eu acho que a nossa principal preocupação é que não seja
589 ofertada pela estrutura pública municipal apenas a palavra aos grandes empreendedores,
590 ao capital privado. Evidente que eles têm uma participação importante dentro da dinâmica
591 da cidade, mas não são eles apenas os únicos agentes ativos e articuladores do espaço
592 urbano. Então, sempre a nossa intervenção é feita o sentido de que haja uma equidade,
593 que haja uma maior participação. Eu queria fazer uma última colocação, talvez o Rômulo
594 lembre alguma coisa, porque a nossa preocupação, as nossas identidades também que
595 estão dentro do CMDUA têm uma preocupação, porque a última gestão municipal destruiu
596 a Secretaria Municipal do Planejamento, ela destruiu a Secretaria Municipal do Meio
597 Ambiente. Então, vocês todas que estão participando e estão atuando, vocês com certeza
598 sofrem as consequências de uma série de decisões equivocadas que foram tomadas e que
599 implicam em um sucateamento de atividades, de cuidados, de linhas de gestão que havia
600 dentro de Porto Alegre e que foram destroçadas. Então, é uma preocupação muito grande,
601 que as entidades que atuam dentro do CMDUA têm e que se busca preservar as
602 atividades essenciais que tem uma Secretaria Municipal de Planejamento, as atividades
603 essenciais que tem uma Secretaria Municipal do Meio Ambiente, que são decisivas para a
604 vida coletiva e que tiveram, por um entendimento diferenciado de gestão, que eu considero
605 equivocado, o desenvolvimento que tiveram. Nós estávamos, enquanto não havia
606 pandemia, trabalhando dentro do espaço lá da Secretaria Municipal do Planejamento, que
607 era um espaço público ali em decomposição, um prédio deteriorando-se, com muitos
608 problemas que nós vivemos lá dentro. Então, o resumo da minha fala, que o nosso plano
609 de revisão do plano não pode deixar de ser inclusivo, ele não pode ignorar a maioria da



610 população residente de Porto Alegre. Muito obrigado. **Patrícia da Silva Tschoepke**
611 **(Titular), Secretária Municipal do Meio Ambiente e da Sustentabilidade – SMAMS:** A
612 próxima é a Maria Teresa. Está na sala? Se não estiver a gente passa para a Tânia. **Maria**
613 **Teresa:** Eu não cheguei a me inscrever para dizer coisas, eu gostaria só de falar que a
614 gente tem muita coisa para conversar sobre isso. Eu achei as apresentações muito boas,
615 concordei muito com tudo isso que o Mark disse agora, mas eu estou entrando hoje mais
616 para ver como é que funciona essa reunião. Depois eu vou me manifestar por escrito.
617 **Patrícia da Silva Tschoepke (Titular), Secretária Municipal do Meio Ambiente e da**
618 **Sustentabilidade – SMAMS:** Está bom. Está ótimo e muito obrigada. Seja bem-vinda
619 sempre. Então, está vamos para a Tânia. Deve ter caído, se ela voltar a gente passa.
620 Felisberto, contigo de novo. **Felisberto Seabra Luisi (Titular), Região de Gestão de**
621 **Planejamento Um – RGP. 1:** Eu não queria retomar esse assunto do plano defasado,
622 ultrapassado, mas eu me sinto na obrigação de resgatar que o plano é muito atual. Vários
623 objetivos do desenvolvimento estão baseados nos 17 objetivos, muito na estratégia do
624 nosso plano. O que está ultrapassado é uma visão elitista da cidade e a pandemia veio
625 demonstrar isso. O impacto que a desigualdade causa na vida das pessoas e na estrutura
626 econômica e nem os gênios, e aí vai um pouco de ironia, nem os gênios que estão na
627 universidade puderam observar isso. E quem sofre é consequência dessa pandemia são
628 as pessoas que não têm o mínimo de acesso, tem uma cidade em Porto Alegre que é de
629 primeiro mundo, enquanto outras partes da cidade são de terceiro, quarto ou quinto
630 mundo. Então, o que está ultrapassada é a visão elitista e excludente que alguns têm da
631 cidade, que criam bairros onde privilegiam determinada camada social em detrimento de
632 outra. E muitas vezes querendo excluir aquelas comunidade que estão ali há 50 anos. E a
633 Jane falou hoje, quando a gente estava discutindo a questão da regularização fundiária, a
634 universidade da PUC, que é o tal do QG do conhecimento, da divulgação, do notório
635 saber, está em área que deveria ter sido preservada. Então, como que a gente deve falar
636 em ultrapassado se os problemas continuam os mesmos e mais agravados? Quando nós
637 temos tecnologia para resolvê-los. E aqui eu quero fazer um discurso político e é muito
638 fácil teorizar sobre a prática. Agora, vivenciar a prática é que são elas. Eu queria que os
639 notórios sabedores que têm o benefício do bem-estar fosse morar em uma comunidade
640 pobre, quando falta água, falta luz, falta de saneamento básico. Então, isso me irrita,
641 desculpa isso, quando vêm pessoas com conhecimento dizer uma bobagem dessa, com
642 todo respeito que me merece. É uma visão atrasada, quem tem uma visão atrasada é
643 quem não valoriza o plano. E vocês estão de parabéns, vocês tiveram a sensibilidade.
644 Então, é isso, eu lamento isso, pena ele não estar aqui para eu poder dizer tudo isso, mas
645 vai ficar gravado. A visão não pode ser elitista da cidade, a cidade tem que ser inclusiva.
646 Parabéns, Mark, pela tua observação. Era isso e obrigado. **Patrícia da Silva Tschoepke**
647 **(Titular), Secretária Municipal do Meio Ambiente e da Sustentabilidade – SMAMS:**
648 Não temos mais inscrições? Pessoal, estão todos satisfeitos? Então, todos prontos para
649 contribuir. Nossa, estou impressionada. Eu fico feliz de saber que o trabalho que a gente
650 vem desenvolvendo, o trabalho cuidadoso que a nossa equipe técnica fez chegou
651 exatamente a essas conclusões. Eu fico feliz que vocês estejam satisfeitos e que a gente
652 possa dar andamento no trabalho dessa forma. Agora, nesse sentido, eu insisto para as
653 contribuições, para a gente receber, porque a gente sabendo a forma como vamos dar o
654 andamento no projeto a gente consegue coletar as contribuições, cada um da sua área,,
655 do seu conhecimento, sem se preocupar se isso está tecnicamente correto ou não, se essa
656 contribuição ou sua experiência com a cidade, enfim, a ideia é como o Merino tinha



657 comentado na última reunião, a título de crítica, mas é realmente uma chuva de ideias para
658 a gente tentar fechar um consenso daquilo que a gente quer dar o andamento. Então, é
659 isso que a gente quer. Eu vou passar para o Saffer antes de fechar. **Sérgio Saffer**
660 **(Titular), Associação Rio-grandense dos Escritórios de Arquitetura - AREA:** Teve uma
661 primeira lâmina que tu mostraste, a 49. Vocês vão compartilhar? **Vaneska Paiva Henrique**
662 **(1ª Suplente), Secretaria Municipal do Meio Ambiente e da Sustentabilidade –**
663 **SMAMS:** É o material do guia que nós vamos compartilhar com vocês, que é o que eu
664 estava comentando. Ele é bem didático, é muito interessante. **Sérgio Saffer (Titular),**
665 **Associação Rio-grandense dos Escritórios de Arquitetura - AREA:** Tem muitas
666 contribuições e atividades, não tem como a gente possa avaliar como está isso também
667 nas regiões? Isso é possível, nesse sentido da gente contribuir? **Patrícia da Silva**
668 **Tschoepke (Titular), Secretaria Municipal do Meio Ambiente e da Sustentabilidade –**
669 **SMAMS:** Pode, claro. **Sérgio Saffer (Titular), Associação Rio-grandense dos**
670 **Escritórios de Arquitetura - AREA:** Tem certas regiões que são estritamente
671 residenciais, aí a gente sente, como criar nesse slocas aquele pequeno mercado, que
672 hoje eu entendo que talvez não seja possível ou como permitir que isso apareça nas
673 regiões sem atrapalhar a questão da característica principal dessa região? **Patrícia da**
674 **Silva Tschoepke (Titular), Secretaria Municipal do Meio Ambiente e da**
675 **Sustentabilidade – SMAMS:** Seriam centros de bairros? **Sérgio Saffer (Titular),**
676 **Associação Rio-grandense dos Escritórios de Arquitetura - AREA:** Não
677 necessariamente. Eu moro em Petrópolis, realmente, para eu comprar alguma coisa tenho
678 que caminhar bastante, porque não existe essa questão de ter algo próximo. Estes dias
679 apareceu aqui, não sei se a pessoa estava legalizada ou não, mas uma padaria na
680 garagem de uma casa. Era uma padaria artesanal, pequeninha, mas surgiu e foi ótimo, no
681 caso. Então, como se pode propor essas coisas sem perder a característica da região?
682 Mas queria avaliar a cara que cada região está tendo. São coisas que temos vivenciado
683 aqui, algo que os dê suporte para realmente entender como essas coisas são possíveis ou
684 não de acontecerem dentro de Porto Alegre. **Patrícia da Silva Tschoepke (Titular),**
685 **Secretaria Municipal do Meio Ambiente e da Sustentabilidade – SMAMS:** A gente tem
686 essa previsão, a ideia é ter um levantamento do território, onde já tenha diagnosticado em
687 um tempo zero, que a gente chama. E a gente com o sistema de gestão, monitoramento e
688 indicadores publicar, fazer a formação do território ao longo do tempo, com base em
689 critérios claros e objetivos. Eu acho que se vocês tem alguma reflexão e algum
690 pensamento, amadurecimento sobre isso, acho que seria bem importante vocês realmente
691 escreverem como contribuição para nós, para ficar registrado e fortalecer o que a gente já
692 está amadurecendo, porque vocês muito colocam – bom, nós temos um amadurecimento,
693 mas a participação é importante. Então, mesmo que a gente já esteja pensando nisso, é
694 importante que tenha a manifestação. Então, vamos ver, acho que não temos mais
695 ninguém. Então, eu acredito que a gente passou as informações, vamos compilar passar
696 para vocês. Os colegas conselheiros, por favor, passem para os demais convidados na
697 medida do possível e os demais convidados também se quiserem contribuir fiquem à
698 vontade, desde que se identifiquem. A gente vai compilar e deixar tudo registrado naquele
699 SEI que estava na apresentação. Então, eu acho que se ninguém mais tem a contribuir no
700 dia de hoje a gente encerra. Então, boa noite a todos, pessoal. **(Encerram-se os**
701 **trabalhos da plenária às 19h45min).**

702
703



PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
CONSELHO MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO URBANO AMBIENTAL – CMDUA

704

705

706

707 **Germano Bremm**

707 **Secretária Executiva**

708 **Presidente**

708 **Relatora**

709

710 **Ata aprovada na sessão plenária do dia .../.../2021, ... retificações:**